

Uma cidade de contrastes, uma fusão mal assimilada

Em 1960, quando Brasília foi inaugurada, incorporou ao território do Distrito Federal, a cidade goiana de Planaltina, situada a 44 quilômetros do Plano Piloto. Considerada cidade histórica, com mais de 100 anos na época em que foi anexada, Planaltina hoje, 23 anos após, parece que ainda não assimilou bem esta fusão.

É possível defini-la como a cidade dos contrastes, entre o velho e o novo, as edificações centenárias, algumas coloniais, com arquitetura moderna, a vida pacata e mediana do goiano do interior, com a miséria da população para lá encaminhada, em busca da periferia ou removidas de invasões. Destaque-se ainda o choque cultural entre o goiano tradicional e as oligarquias, com os hábitos e costumes dos chamados “invasores”, mineiros e nordestinos, em sua maioria.

Com a transferência da capital, o desenvolvimento esperado pelos moradores, que tinham a expectativa de conviver como vizinhos do poder não ocorreu. A economia primária cedeu, em parte, para a prestação de serviço. Isso desagradou até aos chamados, “próceres mudancistas”, àqueles moradores que se envolveram em campanhas para a mudança da Capital do Rio de Janeiro para o Planalto Central.

Com uma população de cerca de 70 mil pessoas, a maior parte jovens com idade abaixo de 22 anos, 50 mil na cidade e 20 na zona rural - constata-se facilmente, que os planaltinenses de “sangue puro”, já são minoria. No setor tradicional ainda existe muto ranço, e porque não dizer, uma certa discriminação contra os novos moradores.

Economicamente a cidade não vai bem, e segundo afirma o presidente da Associação Comercial local, Jaime Morais, “temos muita esperança em que saia o nosso setor industrial, onde seriam implantadas indústrias de pequeno porte e oficinas mecânicas, funilarias, serralherias e o setor comercial de apoio”. Disse ainda que o projeto já foi aprovado pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo e está na Terracap, em fase de registro em cartório”.

Segundo Jaime Moreira, após o registro pela Terracap, se fará uma licitação, sem disputa de preços e dando preferência aos empresários locais. Se sobra-rem lotes, será aberta uma outra licitação para quem quiser participar.

Mas embora as esperanças de dias melhores sejam muitas, a própria situação do comércio local, em crise como afirmam os comerciantes, pois não aguentam a concorrência com os grandes supermercados de Brasília que pegam o filé mignon e onde os moradores fazem suas compras - atualmente a maior parte dos moradores trabalham no Plano Piloto - é semelhante a da Associação Comercial de Planaltina que, somente agora, conseguiu comprar a preço simbólico, um terreno onde pretende construir uma sede.

Até o momento, a ACP funciona em uma pequena sede improvisada, com os tijolos aparentes e sem o mínimo conforto. Na antiga gestão, quando o presidente era o advogado Pedro Mendes, a associação funcionava em seu próprio escritório de advocacia.

HISTÓRIA

Planaltina tem hoje, 123 anos e possui em sua parte tradicional, uma arquitetura rica em valores históricos, com velhos casarões coloniais mas que, infelizmente, estão se deteriorando com o tempo. Muitos são substituídos por casas consideradas mais modernas e com o conforto dos dias atuais.

O casarão mais tradicional, tombado pelo patrimônio histórico, onde funciona o museu da cidade, já está merecendo uns reparos e mesmo uma restauração. Ele fica na praça central da

cidade, na Praça Salviano Monteiro de Guimarães. Na praça fica ainda a casa de dona Gabriela de Freitas Guimarães, da família dos “Guimarães”, um clã e de quem ela é a matriarca.

Dona Morena, como é mais conhecida, é tia do atual administrador Salviano Guimarães, de sua esposa - são primos casados - do candidato a deputado estadual pelo PDS - derrotado - Aloísio Campos Guimarães, do candidato a prefeito de Brasilinha, eleito pelo PMDB, Edénval Vaz - sobrinho neto de Salviano Monteiro de Guimarães - enfim, parente de quase todos os postulantes a cargos públicos.

Consta na cidade, embora todo mundo tenha receio de falar, principalmente para a imprensa que nestas eleições, “houve uma ruptura familiar com primos postulando cargos em partidos diferentes”. Segundo afirma Helvécio Vaz, irmão do prefeito eleito de Brasilinha e primo em segundo grau do administrador regional da cidade, “a Dona Morena apoiou o candidato do PMDB e deu uma confusão dos diabos”.

E o comentário geral na cidade é que houve mesmo uma cisão e os ânimos andam exaltados, com as conversas de “pe de ouvido” e os cochichos, tomando conta dos bate-papos e sendo o “prato feito” dos dias monótonos e quentes da primavera.

De acordo com os comentários, o atual administrador regional, Salviano Guimarães não gostou do apoio velado aos candidatos a prefeitura de Brasília

e, inclusive, “ameaçou demitir da administração todos os funcionários que trabalharam pelo PMDB”. Procurado para prestar informações o administrador deixou a reportagem mais de uma hora à espera, quando, o repórter e o fotógrafo, resolveram se retirar.

PÁRA-QUEDAS

Para se explicar a atual crise no clã dos Guimarães, é preciso voltar várias décadas na história da cidade de Planaltina. Segundo os mais antigos moradores da comarca de Planaltina “os Guimarães sempre dominaram a política local, elegendo os prefeitos - na época anterior à inauguração de Brasília - deputados estaduais e federais e até um senador e um governador da família.

O tempo passou e a cidade foi anexada ao Distrito Federal. Como a Capital da República não tem representação política e o poder e riqueza da família não acabou - eles são proprietários da maior parte das terras da região entre Planaltina e Formosa, inclusive, dona Morena, era a dona da área que vai do Palácio da Alvorada até o Parque da Água Mineral, passando por toda a Asa Norte. Tem ainda uma demanda judicial contra a União, pois era sua também uma parte onde fica a Granja do Torto, onde mora o Presidente João Figueiredo. Eles ainda lutam pelo poder político.

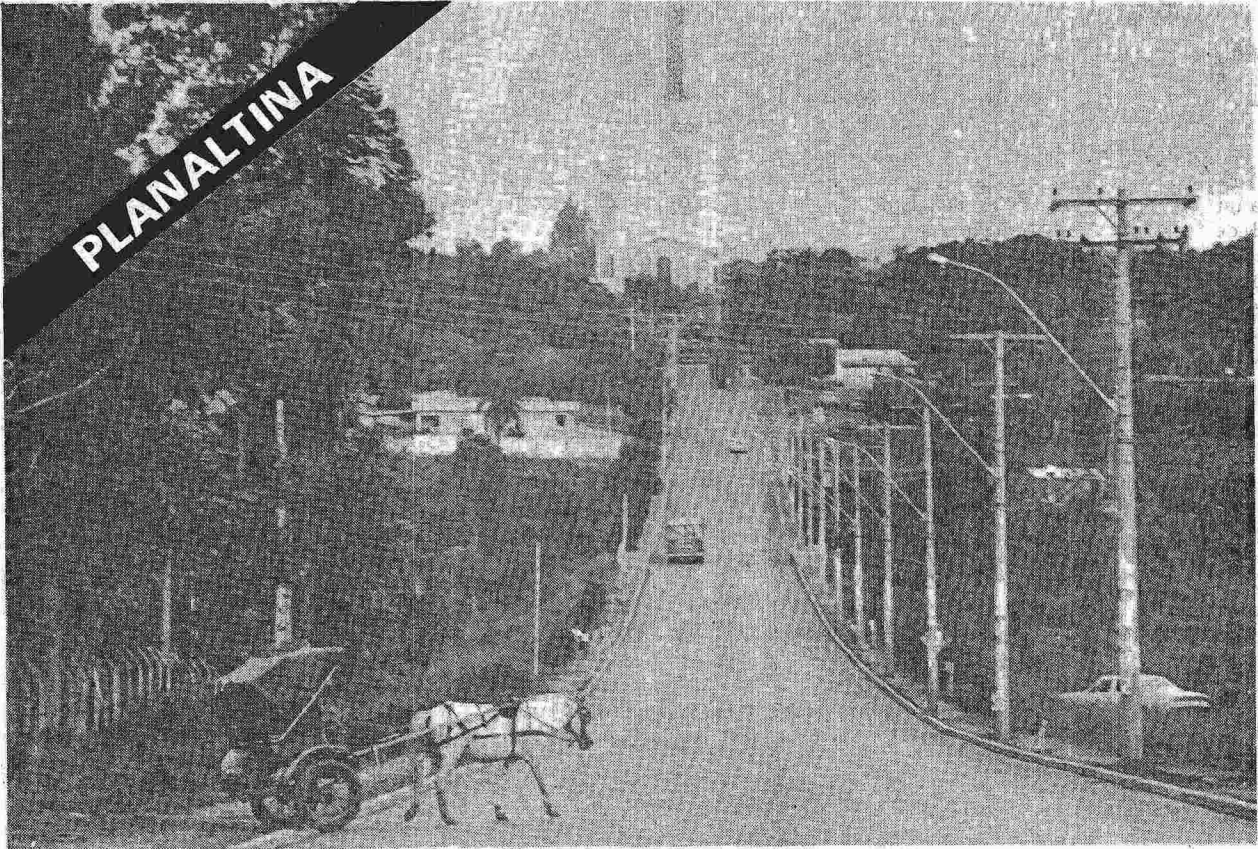
Um dos cargos mais disputados, a prefeitura de Brasilinha ou Planaltina de Goiás, como os goianos preferem chamá-la, a comarca foi transferida para

lá, após Brasília - era dirigida por um Guimarães, mas do PDS Agora foi eleito um parente seu, mas do PMDB e com os votos quase que, em sua maioria, de moradores de Planaltina, mais precisamente, das Vila Buriti e Nossa Senhora de Fátima, sem vínculo com a oligarquia da cidade, embora tenham votado em um membro da mesma família, mas do partido da oposição.

Para muitos, traíram-se os valores e as tradições da família, mas para outros, como o irmão do prefeito eleito, Helvécio Paz, “a votação independente é sinal de novo tempo, inclusive, do fim do “voto de cabresto”.

Indiferente à briga familiar e a disputa pelo poder, os moradores das áreas mais carentes da cidade como a Vila Buritis e Bairro Nossa Senhora de Fátima, mesmo aqueles que “deram uma força” na eleição do candidato da oposição de Brasilinha, querem, segundo afirmam, “dias melhores”.

E queixam-se: Afinal nós viemos para Brasília para construir a cidade e uma nova vida para nossa família. Encontramos muita desilusão e somos removidos para Planaltina, uma cidade já estabelecida. Enfrentamos muitas dificuldades e só podemos postular mais igualdade conosco. Atualmente olham muito para a Ceilândia, mas se esquecem do resto. Na nossa cidade-satélite o setor tradicional tem tudo e a gente nada. Chegou a hora da igualdade de tratamento. Afinal, goiano ou nordestino, todos somos brasileiros.



Planaltina apresenta uma paisagem de contrastes entre velhas construções e arquitetura moderna.